

Sussurros de Guimarães

Aí entrar outra vez dentro da Gruta, a Lapa Nova do Maquiné - onde a pedra vem, incha, e rebrilha naquelas paredes de lençóis molhados, dobrados, entre as roxas sombras, escorrendo as lajes alvas, com grandes formas e bicos de pássaros que a pedra fez... (...) e afundar naquele bafo sem tempo, *sussurro sem som*, onde a gente se lembra do que nunca soube, e acorda de novo num sonho, sem perigo, sem mal; se sente.

Há cinquenta anos atrás, em 1967, ano da publicação de Tutaméia, morria João Guimarães Rosa. Este dossiê, publicado ao apagar das luzes de 2017, se faz em franca homenagem a esta data. Nele, o leitor encontrará textos diferentes dos artigos de formato tradicional, já que foram feitos como comunicações orais e portanto, variam em extensão. Como na epígrafe, cada um equivale à resposta que o autor ou autora deu aos sussurros que ouviu na magnífica gruta da obra de Rosa. Juntos, compõem um rico panorama de alguns temas e questões que a literatura de Guimarães Rosa pode suscitar.

Rubens Pereira, em seu texto *Imanência e transcendência do corpo em Guimarães Rosa*, trata dos corpos das palavras, em sua leitura de *Grande sertão: veredas*, pois para ele, o que Rosa faz é buscar flagrar o mundo em seu frescor enunciativo, ou seja, em seu devir permanente inscrito na força dos corpos. Marcos Aurélio Souza nos lembra que Rosa foi contemporâneo de Clarice Lispector, e compara *A hora e vez de Augusto Matraga*, publicado em 1946, e o romance *A hora da Estrela* de Lispector, cuja publicação se deu em 1977, comparando para descrever, compreender e apreciar mais a obra fascinante desses dois escritores brasileiros.

Luiz Valverde estabelece seu olhar sobre a figura de Riobaldo, como homem da modernidade, racional e reflexivo, mas perdido diante dos mistérios do mundo. Entre ser joguete do destino ou governá-lo, muitas possibilidades se constroem e exigem respostas. Este é o tema do texto: *Guimarães Rosa: o cantador das veredas imerso na modernidade*. Já Márcia Rios observa, pelos olhos do vaqueiro Zito, em entrevista publicada na Revista Cult, um retrato do escritor e aponta para a singularidade do mundo rural como vivenciado por Rosa. Contrasta-se a imagem do erudito e do homem simples, capaz de juntar-se aos vaqueiros, mas também de traduzir o mundo rural em reflexão.

Sônia Ramalho apresenta o interessante conto de Rinaldo Fernandes, *Sariema*, produzido a partir de *A hora e vez de Augusto Matraga*, em que Fernandes realiza uma releitura do enredo, com diferente foco narrativo, desta vez, feminino, e que produz a sua versão dos fatos, muitas vezes, invertendo-os. A partir daí, realiza-se a análise de Ramalho, sobre o curioso diálogo textual que se estabelece. Benedito Veiga, examinando as possibilidades de *Primeiras Estórias*, propõe a ideia de que toda a ambiguidade da sequenciação das estórias, as “primeiras” e as “segundas”, é discutida em *Pirlimpisquice*, em um jogo metafórico/simbólico.

Márcio Roberto Dias, tendo como objeto de sua escrita o conto *Famigerado*, observa como o poder simbólico utiliza-se da enunciação para criar formas de perceber o mundo e de torná-las críveis, validando ou alterando a maneira subjetiva de ver e entender as relações humanas. Maria Theresa Abelha realiza uma leitura da novela *Campo Geral* e descobre que é do extraordinário poder da linguagem que Rosa trata, quando coloca diante de nossos olhos de leitor a morte do menino Dito, expondo a relação entre linguagem e morte, dito e silenciado.

Desejamos que o leitor possa, como os autores, adentrar na obra do escritor mineiro e ouvir os sussurros sem som, preservando, com sua leitura e apropriação, uma das mais ricas produções da Literatura Brasileira.

Claudio Cledson Novaes e Flávia Aninger – UEFS